PARCEIROS

Google play

App Store

contos tradicionais da cplp

CPLP

contos tradicionais da cplp

O Secretariado Executivo da CPLP agradece a todos os que tornaram possível a concretização do áudio-livro "Contos Tradicionais da CPLP".

EQUIPA DE COORDENAÇÃO:

Celina Pereira – *Cantora e contadora de estórias* – (Cabo-Verde)
José Afonso – *Produtor musical* – (Cabo-Verde)
Sidney Cerqueira – Artista plástico – (Guiné-Bissau)

NARRADORES:

Celina Pereira – *Cantora e contadora de estórias* – (Cabo-Verde)
Costa Neto – *Músico* – (Moçambique)
Mikas Cabral – *Músico* – (Guiné-Bissau)
Camarada Zé – *Músico* – (Timor-Leste)
Paulo Flores – *Cantor* – (Angola)
Sofia Sá da Bandeira – *Actriz* – (Portugal)
Tonecas Prazeres – *Músico* – (São Tomé e Príncipe)
Valéria Carvalho – *Actriz* – (Brasil)

ILUSTRADORES:

Arlete Marques – *Artista plástica* – (Angola)
Bosco – *Artista plástico* – (Timor-Leste)
Emília Nadal – *Artista plástica* – (Portugal)
Ismael Sequeira – *Artista plástico* – (São Tomé e Príncipe)
Manuela Jardim – *Artista plástica* – (Guiné-Bissau)
Márcio Bahia – *Artista plástico* – (Brasil)
Maria Alice Fernandes – *Artista plástica* – (Cabo-Verde)
Misá – *Artista plástica* – (Cabo Verde)
Renato Rodyner – *Artista plástico* – (Brasil)
Roberto Chichorro – *Artista plástico* – (Moçambique)
Sidney Cerqueira – *Artista plástico* – (Guiné-Bissau)

Agradecimentos especiais: ao Coro Infanto-Juvenil da Casa Pia de Lisboa e às restantes crianças que integraram o Coro independente (Afonso, Beatriz, Bruna, Elisa, Francisco, Leonor, Luís, Madalena, Mariana, Miguel e Ricardo), à Maestrina Ana Mota e professores Carques Marques, Sérgio China e Tiago Balsinha (ensaios); à Prof. Doutora Inocência Mata, ao Dr. Abdulai Silá, ao Dr. Luís Costa e ao Juca Delgado pela recolha dos contos; à Lara Camarneiro e à Dulce Neves (Guiné-Bissau); à ACI – Imagens e Comunicação de Cabo Verde e à Andinos, Produções Audiovisuais.

Divulgar e preservar o património imaterial da CPLP

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) celebra em 17 de julho de 2014 o seu 18º aniversário. No âmbito da comemoração da efeméride, e com vista à promoção da diversidade cultural e dos laços linguísticos que unem e enriquecem os nossos povos, quisemos fazer uma publicação dedicada aos mais jovens. Tendo em conta a importância da divulgação de histórias e cantigas infantis do espaço da CPLP, e porque acreditamos que conhecimento mútuo continua a ser essencial para o reforço da solidariedade e da cooperação na CPLP, celebramos nesta publicação os "Contos Tradicionais da CPLP".

Divulgar e preservar o nosso património imaterial é vital para a nossa identidade singular e coletiva. O áudio-livro "Contos Tradicionais da CPLP" traz-nos uma breve recolha do extenso património da tradição oral dos nossos países. Uma tradição que transmite, de geração em geração, o imaginário das nossas sociedades e os saberes da vivência do quotidiano, manifestando, ensinamentos, princípios e valores, bem como formas de olhar e estar no mundo. Esta publicação pode igualmente ser acedida através de uma aplicação, dando a possibilidade aos nossos leitores de navegar digitalmente pelos contos e ilustrações, ouvindo a sua narração. O formato inovador permite um maior acesso aos conteúdos da publicação, em todas as partes do mundo, ampliando a partilha da nossa herança cultural.

Este tributo à tradição oral e a celebração da riqueza cultural no espaço da CPLP foram possíveis graças ao honroso contributo de grandes artistas plásticos, escritores, investigadores, atores, cantores e contadores de histórias dos nossos Estados-membros, que nos trouxeram as palavras, os sons, as cores e o imaginário das nossas sociedades. A todos os que colaboram nesta publicação, reitero o meu elevado apreço.

Boa leitura!

Murade Murargy
Secretário Executivo da CPLP

Angola

O Lobo e a Raposa

Havia um lobo que tinha um bode. A raposa tinha uma fêmea. A raposa foi pedir o bode ao lobo para criar com a fêmea.

A cabra da raposa teve dois filhos. Depois, o lobo foi pedir os cabritinhos da raposa, dizendo que eram dele porque eram filhos do seu bode. A raposa respondeu:

– Não, os cabritinhos são meus porque são filhos da minha cabra.

E o lobo a teimar que eram dele. A raposa foi depois queixar-se ao rei, que era o dono da mata – o leão –, e este diz:

– Vou chamar os bichos todos para virem amanhã ao julgamento, de manhã.

Só depois de estarem todos reunidos, os bichos, começou o julgamento, e à frente estavam o lobo e a raposa. Dos animais, só faltava o cágado.

Esperaram um pouco mais. Aí vinha o cágado, lá ao longe. O lobo falou ao cágado:

– Oh! Bicho da casca, onde estavas que demoraste tanto tempo? Os bichos todos já estão cá e os elefantes também. O cágado respondeu:

– Eu estava ao pé de meu pai, que estava a ter um filho ...

– Ih! Como é que você fala? Assim o teu pai costuma dar filhos? É por acaso mulher?

Todos os bichos que ali estavam responderam:

– Ih! Afinal, um homem não dá filhos. Este julgamento que chamou a gente aqui, perdeu a razão. Estes cabritinhos ficam da raposa, porque um homem não dá filhos.

E o lobo perdeu a partida.

Sou Eu
sou Eu
Sou Eu e mais ninguém
Sou Eu
Sou eu
Sou eu
mais ninguém
Somos Nó
Somos Nós
e
mais
ninguén

A Mungomba que punha ovos

A mungomba, isto é, a perua do mato, punha os seus ovos junto à nascente de um rio. Cada vez que punha um, ao sair do ninho, cantava: "Sou eu, sou eu e mais ninguém".

Certo dia, os outros animais reuniram-se no intuito de saber qual seria o motivo da mungomba cantar sempre daquela maneira e decidiram mandar a cobra Ndakakanda ao seu ninho. Quando lá chegou, não encontrou a dona porque esta tinha ido procurar alimentos.

Então, a cobra enrolou-se no ninho e com o seu brilho fazia com que as coisas à volta parecessem águas caudalosas. Quando a mungomba voltou, encontrou no seu ninho uma coisa brilhante e disse assustada:

– Ai, meu Deus! Que mal fiz eu? Por que é que a cobra está sobre os meus ovos?

Não sabendo o que fazer, correu para a sua majestade o Tigre e disse-lhe:

– Majestade! Eu saí à procura de alimentos e, quando voltei, encontrei a cobra Ndakakanda sobre os meus ovos. Diga-me o que devo fazer com ela. Se pensa que estou a mentir, venha comigo para ver.

O Tigre respondeu-lhe:

– O problema é teu. Já alguma vez vieste aqui a minha casa visitar-me? Aliás, tenho-te ouvido cantar todas as manhãs. Diz-me lá, como é que costumas cantar? Respondeu-lhe a mungomba:

– Costumo cantar o seguinte: "Sou eu, sou eu e mais ninguém". Respondeu sua majestade, o Tigre:

– Tu não sabes cantar. Deverias cantar da seguinte maneira:

"Somos nós, somos nós e mais ninguém". Quando cantas "Sou eu, sou eu e mais ninguém", não achas que estás a humilhar os outros animais? Ou pensas que só tu é que vives neste deserto? Agora ficas a saber que somos muitos. Um ocupou o teu ninho e a um outro te vens queixar. Mas ainda somos muitos mais. Tantos, que nem os conheço a todos. Agora digo-te que vás cantar: "Somos nós, somos nós e mais ninguém", e verás que a cobra deixará os teus ovos.

Voltando a mungomba para junto do seu ninho, cantou:

– Somos nós, somos nós e mais ninguém.

A cobra, ao ouvir a mungomba cantar: "Somos nós, somos nós e mais ninguém", levantou a cabeça e deixou os seus ovos.

Então a mungomba foi até ao seu ninho, sentou-se sobre os seus ovos até os chocar e, depois, levou os seus filhos para outro lugar.

Assim aprendemos que devemos dizer:

– Somos nós, somos nós e mais ninguém, e não: "Sou eu, sou eu e mais ninguém".

É uma chamada de atenção para a solidariedade.

Brasil

Os Compadres Corcundas

Era uma vez dois corcundas, compadres, um rico e outro pobre. O povo do lugar vivia *mangando* do corcunda pobre e não reparava no rico. O pobre andava triste e, de mais a mais, o tempo estava cruel e ele era caçador.

Numa feita, esperando uns veados, já tardinha, adormeceu no *jírau* e acordou noite alta. Ficou sem querer voltar para casa. Ia-se acomodando para pegar no sono de novo, quando ouviu uma cantiga ao longe, como se muita gente cantasse ao mesmo tempo.

– Deve ser alguma *desmancha de farinha* aqui por perto. Vou ajudar!

Desceu da árvore e botou-se no caminho, andando, andando, no rumo da cantiga que não descontinuava. Andou, andou, até que chegando perto de um serrote, onde havia uma laje limpa, muito grande e branca, viu uma roda de gente esquisita, vestida de diamantes que espelhavam ao luar. Velhos, rapazes e meninos, todos cantavam e dançavam de mãos dadas, o mesmo verso, sem mudar:

Segunda, terça-feira,
Vai, vem!
Segunda, terça-feira,
Vai, vem!

O caçador ficou tremendo de medo. As pernas nem deixavam ele andar. Escondeu-se numa moita de *mofundos* e assistiu, sem querer, àquela cantoria que era sempre a mesma, durante horas e horas.

Com o tempo, foi-se animando, ficando mais calmo e, sendo metido a improvisador e *batedor de viola*, cantou, na toada que o povo esquisito estava rodando:

Segunda, terça-feira,
Vai, vem!
E quarta e quinta-feira,
Meu bem!

Boca para que disseste! Calou-se tudo imediatamente e aquele povo todo espalhou-se como *ribaçã*, procurando, procurando. Acharam o corcunda e o levaram para o meio da laje, como formiga carrega barata morta. Largaram ele e um velhão, brilhando como um sacrário, perguntou, com uma voz delicada:

– Foi você quem cantou o verso novo da cantiga?

O caçador cobrou coragem e respondeu:

– Fui eu sim, senhor!

O velhão disse:

– Quer vender o verso?

– Quero sim, senhor. Bem, na verdade, não vendo, mas dou o verso de presente, porque gostei do baile animado.

O velho achou graça e todo aquele povo esquisito riu também.

– Pois bem, disse o velhão: uma mão lava a outra. Em troca do verso eu lhe tiro essa corcunda e esse povo lhe dá um *bisaco* novo!

Passou a mão nas costas do caçador e este tornou-se esbelto como um rapaz, sem corcunda nem nada. Trouxeram um *bisaco* novo e recomendaram que só abrisse quando o sol nascesse.

O caçador meteu-se na estrada, andando, andando, e, assim que o sol nasceu, abriu o *bisaco* e o encontrou cheio de pedras preciosas e moedas de ouro. Só faltou morrer de contente.

No outro dia, comprou uma casa, com todos os preparas, mobília, vestiu roupa bonita e foi para a missa, porque era domingo. Lá na igreja, encontrou o compadre rico, também corcunda. Este quase caiu de costas, assombrado com a mudança. Perguntou muito e, mais espantado ficou, quando reparou no traje do compadre e soube que ele tinha casa, cavalo gordo e se considerava rico.

O pobre contou tudo; e, como a medida do ter nunca se enche, o rico resolveu arranjar ainda mais dinheiro e livrar-se da corcunda nas costas.

Esperou uns dias, pensando no que ia fazer; depois, se largou para o mato, no dia *azado*. Tanto fez, que ouviu a cantiga e botou-se na direção da toada. Achou o povo esquisito, dançando de roda e cantando:

Segunda, terça-feira,
Vai, vem!
Quarta e quinta-feira,
Meu bem!

O rico não se conteve. *Abriu o par de queixos* e foi logo berrando:

Sexta, sábado e domingo!
Também!

Calou-se tudo rapidamente. O povo esquisito voou para cima do atrevido e o levaram para a laje onde estava o velhão. Esse gritou furioso:

– Quem lhe mandou meter-se onde não é chamado, seu corcunda *besta*? Você não sabe que a gente encantada não quer saber de sexta-feira, dia em que morreu o Filho do Alto; sábado, dia em que morreu o Filho do Pecado, e domingo, dia em que ressuscitou quem nunca morre? Não sabia? Pois fique sabendo! E para que não se esqueça da lição, leve a corcunda que deixaram aqui e suma-se da minha vista senão *acabo com seu couro*!

E, enquanto falava, os outros iam dando empurrão, *tapona* e beliscão no rico. O velhão passou a mão no peito do corcunda e deixou ali a outra, aquela de que o compadre pobre se livrara.

Depois deram uma carreira no homem, deixando-o longe, e todo arranhado, machucado, roxo de bofetadas e pontapés.

E, assim, viveu o resto de sua vida, rico, mas com duas corcundas: uma adiante e outra atrás, para não ser ambicioso.

Glossário

mangando > zombando
jirau > estrado de madeira, cama de varas
desmancha de farinha > moedura dos grãos
mofundos > cipós ou mato típico
batedor de viola > tocador de viola
bisaco> bornal, mochila
boca para que disseste! > expressão para quem diz o que não deve dizer!
ribaçã > ave de arribação, aves voantes
azado > marcado
abriu o par de queixos > berrou
besta > metido à besta, vaidoso
acabo com seu couro > bato-lhe muito
tapona > bofetada, tapa forte.

Brasil

A Mãe do Ouro

Nos princípios do mundo, havia uma velha muito velha, que até parecia haver a morte se esquecido dela. Quase não enxergava, nem podia andar. Tremia ao menor movimento e muito mal se ouviam suas palavras. De perto, ninguém a vira jamais, nem houve quem se animasse a ir ao seu encontro, em seu pouso, num *barraco*, no meio das montanhas.

Havia, entretanto, um casal que não acreditava na voz do povo e sempre dizia à filha:

– Menina, a velha que ninguém sabe quem é há de ser uma fada.

Um dia, chegou a morte e carregou com os pais da moça. Vendo-se desamparada e sem pão, a filha tomou o caminho das montanhas.

A velha a viu e foi buscá-la no meio da ladeira, levando-a para casa.

A gente do lugar achou graça. Tanta beleza e tanta mocidade sepultadas com aquela mulher que vira nascer o primeiro Deus e se tornara a mais feia e velha do mundo!

A moça, porém, tinha-se por feliz. No *barraco* da montanha, todas as coisas eram de prata: paredes, teto, chão, pilares – tudo, como musgo, se revestia de filigrana prateada. A abundância e a paz reinavam ali.

À noitinha, quando a moça adormecia, a velha, como *vaga-lume*, descia a montanha e ia até a beira de uma lagoa que os homens diziam assombrada. Suspirava três vezes. As águas borbulhavam e sorriam. As flores fechavam-se e transformavam-se em donzelas formosas e rapazinhos alegres. À música das ondas e ao cântico das folhas das plantinhas, que se dobravam como se o vento as agitasse, os pares dançavam contentes. Depois que se fartava naquele prazer, a velha "suspirava para dentro" e tudo voltava ao que era.

A moça ignorava tudo isso e até mesmo o nome da criatura que todos chamavam de Mãe do Mundo. E os dias foram-se passando assim.

Numa noite, a velha falou, trêmula, com a voz arrastada, que, quando chegasse a lua cheia, as duas iriam tomar banho na lagoa.

E, quase no mesmo instante, a lua apareceu toda cheia, iluminando a terra, como se fosse o sol.

A moça obedeceu. Supondo que a velha estava sem forças para jornada, amparou-a pelo caminho, lembrando-se do que lhe ensinaram seus pais.

Aos poucos, uma grande transformação ia-se fazendo. A velha, a Mãe do Mundo, ia rejuvenescendo. Suas carnes endureciam. De seus olhos saíam longos *fachos* que iluminavam os caminhos que as copas das árvores sombreavam. As ramas dobravam-se, cantando hinos. Tudo era perfume e alegria.

A moça e a velha despiram-se à beira da lagoa. O corpo da velha era um espelho de prata em que as estrelas brilhavam e a lua refletia, em todo seu esplendor. A moça não mostrou assombro. Aquela mulher merecia tudo. Devia ser mesmo feita do que de melhor houvesse no mundo. Mãe do Mundo compreendeu o pensamento dela.

E logo, das águas, surgiu um palácio maravilhoso de cristal e pedrarias.

A velha e a moça entraram no banho. As águas amareleceram os cabelos da jovem. A terra abriu-se e os recebeu. Mãe do Mundo desapareceu e, com ela, o lago e o palácio.

A moça tornou-se encantada e invisível aos olhos dos que, às vezes, encontraram um ou outro fio de seu cabelo. Saiu pelo mundo a banhar-se nos rios e nos lagos, deixando a terra engolir os cachos, as penugens e os pedaços de seus cabelos que, de repente, não cessavam de nascer e de crescer.

Um dia, um caçador viu um corpo de mulher revolver-se na corrente de um rio fundo. Seu corpo e seus cabelos eram de ouro. A terra, de vez em quando, se abria e se fechava. Se isso espantou o homem, também lhe deu coragem. Ia atirar-se à água, quando um braço forte o deteve. Era o de uma velha horrível, *esmolambada*, fedorenta. Sua voz, como se viesse de dentro de um buraco, ecoou:

– Fecharam-se as entranhas da terra, paralisou-se a corrente do rio, o vento não soprou.

– É a Mãe do Ouro.

O caçador, com os cabelos em pé, viu o rio secar-se e a moça transformar-se numa serpente.

Então, correu com medo dela, mundo afora, encontrando por toda a parte as pontas dos cabelos louros da moça, que a Mãe do Mundo transformara em serpente e dera o poder de morar acima das nuvens. A moça fora transformada no Oxum-Marê, o arco-íris.

Depois que a Mãe do Ouro transformou-se na serpente sagrada, caíram chuvas de ouro em todo o continente africano e no Brasil. O ouro que o solo guardou não cresceu mais, é esse ouro que os homens acham em filões, em bolsas, em pó, com muito trabalho.

Esse ouro encontra-se nos cabelos da mulher que Mãe do Mundo acolheu em sua gruta de filigranas de prata e levou-a a banhar-se no lago em que, mais tarde, a mesma se transformou, subindo, depois, ao céu e convertendo-se em arco--íris. A Mãe do Ouro é a nossa Dan, a nossa Oxum-Marê.

Glossário

fachos > faróis
esmolambada > mal vestida
vaga-lume > pirilampo
barraco > pequena habitação de madeira, coberta de palha, telha ou zinco

Cabo Verde

Os Rapazes, o Velho e o Burro

Era uma vez, um homem que tinha três filhos e moravam no cume de uma serra.

Certo dia, o pai morreu e os três rapazes ficaram sem saber para onde ir.

Do alto da serra os rapazes viram as festas de São João, que acontecem todos os anos na região, onde todos faziam uma fogueira e saltavam três vezes dizendo: "Sarna no lume e saúde no corpo!"

Quando os rapazes viram aquilo em todas as casas, disseram entre si: Vamos até lá!

Fizeram três feixes de lenha e levaram com eles.

As pessoas da aldeia ficaram encantadas com a presença deles, abraçaram-nos, deram-lhes de comer e de beber.

Quando os rapazes iam se retirar, as pessoas perguntaram:

– Já se vão embora, e não dão uma festa?

Os rapazes responderam:

– Vamos dar sim senhor! E garantimos que arranjamos os ingredientes para festa mesmo sem dinheiro para comprar!

Um deles disse:

– Eu dou o *grogue*!

O outro disse:

– Eu arranjo a carne!

E o terceiro disse:

– Eu arranjo a mandioca!

E assim, eles comprometeram-se a dar a festa.

Isto se passou no tempo do finado João Henrique, um antigo comerciante que residia na cidade de São Filipe, na ilha do Fogo.

O que se comprometeu com o *grogue*, agarrou no garrafão, lavou-o muito bem, encheu com água do mar, foi à porta do tal comerciante e disse:

– O Senhor tem *grogue* aí?

O comerciante foi buscar um garrafão cheio de *grogue* e pousou ao lado do garrafão cheio de água.

O rapaz destapou-o, cheirou-o e disse ao comerciante:

– Estou à espera de umas pessoas que ficaram de vir buscar-me.

E por isso ficou um bocado na loja a fingir que estava à espera.

O pobre comerciante acabou por se esquecer da presença do rapaz, que de repente diz:

– Bem, acho que vou andando e não vou poder levar este *grogue*.

E antes que o homem desse por isso pegou no garrafão com *grogue* verdadeiro e o deixou o cheio de água para ser guardado pelo comerciante.

Chegou em casa e disse aos irmãos:

– Meninos, já tenho o *grogue*!

O outro irmão, esperou amanhecer e disse:

– Eu também vou!

Pegou a estrada e encontrou um homem com doze galinhas e disse a ele:

– Essas galinhas são para vender?

O homem disse que sim! São para vender!

E o rapaz respondeu:

– O senhor padre encomendou-me doze galinhas porque o senhor bispo vem hoje jantar, vou levar o senhor vendedor até ao padre.

Quando chegaram à igreja, ele disse ao homem para esperar lá fora, entrou na igreja, voltou-se para o padre e disse:

– Senhor padre, vim até aqui com um homem que tem o demónio no corpo, é para o senhor tirar!

O padre respondeu que quando acabasse a missa tirava o demónio do corpo do homem.

O rapaz foi lá fora e disse ao homem para esperar que o padre iria pagar depois da missa, agarrou nas doze galinhas e foi-se embora.

Quando acabou a missa o homem foi ter com o padre exigindo o pagamento pelas doze galinhas.

O padre surpreso disse que não sabia de pagamento nenhum, o homem ficou furioso e começou a berrar, o padre como achava que de um demónio se tratasse, benzeu-o, rezou-o, açoitou-o e correu com ele!

Quando o irmão chegou em casa com as doze galinhas o terceiro disse:

– Vou à procura da mandioca!

Chegou à *Ribeira de Montinho* e escondeu-se. Depois de um tempo viu um homem já de uma certa idade a vir devagar com um burro que carregava um saco de mandioca às costas.

O burro vinha atrás do velho.

O rapaz, encostou-se ao burro devagar, tirou a corda do pescoço do burro e colocou no seu próprio pescoço e deu um pequeno jeito ao burro que foi descansar no arvoredo.

O rapaz veio silencioso atrás do velho, com a corda ao pescoço.

Numa certa altura, o rapazinho que se fingia de burro parou, o velho puxou a corda e como o burro não vinha, falou:

– Mas o que se passa?

E Burro, que na verdade era o rapazinho a fingir disse ao velho:

– Julgas que depois de tanto tempo a andar com o senhor eu não posso tornar-me gente?

E deu dois coices ao pobre senhor que, baralhado, fugiu a correr!

O rapazinho voltou atrás, agarrou no burro e no saco de mandioca e foi para casa onde fizeram uma grande festa!

Porém o burro era muito magro e estava tão esfomeado que limpou a erva das propriedades de toda a zona, por isso um dia mandaram um recado ao velho para que ele viesse buscar o burro.

O homem, que já havia sido repreendido pela mulher por ter chegado em casa sem a mandioca, sem a corda e sem o burro, aceitou ir até lá e recuperar o animal.

E quando o velho encontrou o burro, disse a ele:

– Mas és tu mesmo burro?

E o próprio burro com raiva, virou-se para o homem e disse:

– Quem você queria que eu fosse?

E então o velho correu, foi-se embora, deixou lá o burro e nunca mais quis saber dele!

Glossário

grogue > aguardente
Ribeira de Moutinho > uma zona da Ilha do Fogo

Olha o Xibinho! gordo, rijo e valente
Xibinho podes Tirar-me uma coisa que tenho trancado no dente?
Com pau não!
Sim, tiro-lhe com um pau.
O que é que estás a comer, que estás gordo dessa maneira?...
Uai!... Meu tio o senhor não é sério! Só como ovo da nha tia gângo!
A que horas vais para irmos juntos?
É só de madrugada quando a tia gânga sair de casa...
Co-culé-cóóóó! Xibinho, levanta! o galo já cantou! vamos agora.
Meu Tio agora vamos!...
Bom eu vou-me embora
Oh! Seu descarado! eu nem me fartei ainda quanto mais para por no saco.
Porta abre! Porta abri!
Porta fecha! Porta fecha!...
Alice F. 2014

Cabo Verde

O Lobo, o Chibinho e a Tia Ganga

Uma vez havia um Lobo e um Chibinho que há muito tempo não se viam.

Todos os dias o Lobo olhava o mar e ia apanhar caranguejos, lagostas para comer.

Um certo dia ele encontrou o Chibinho. De longe, viu-o gordo, rijo e valente. Sentou-se em cima de uma pedra, com as mãos no queixo, tristonho… Quando o Chibinho chegou perto dele, achou-o muito triste e perguntou:

– O que tem o Tio que está triste assim?

E o Lobo respondeu:

– Chibinho, tenho uma coisa trancada nos dentes, que está a doer-me tanto! Graças a Deus apareceste aqui!… Tira-me isto depressa Chibinho!

– Sim, sim, tiro-lhe com um pau!

E o Lobo.

– Não, com pau não, está a doer de mais.

– Meu Tio, é com pau que vou tirar, o senhor é muito esperto!… Se eu puser o dedo, o senhor morde-me.

E o Lobo.

– Não Chibinho, como tenho dor nos dentes não consigo pegar nada com a boca. Mesmo que queira.

– Então Ti Lobo, abra a boca e deixe-me tirar-lhe!

Mal Chibinho meteu o dedo na boca, o Lobo pregou-lhe os dentes no dedo. Chibinho desata aos gritos:

– Uai, uai, uai!… Meu Tio, o senhor não é sério… É assim que se faz?

– Qual sério? Diz Ti Lobo. É assim mesmo que se faz!… Diz-me, já o que andas a comer, que estás gordo dessa maneira, e eu magro deste jeito!

– Meu Tio, Ti Lobo, é somente ovos da Tia Ganga que ando a comer!

– Então diz-me já a que horas vais, para irmos juntos.

– É à noite, ali pela madrugada que eu vou! Responde Chibinho.

Dito isto o Lobo soltou-lhe o dedo, mas não folgou do lado do Chibinho.

À tarde, foram a uma achada e fizeram um funco, para dormirem e não ficarem à noite ao relento.

Entraram no funco. Quando a noite já ia alta, diz Ti Lobo:

– Vamos Chibinho! Vamos!

E o Chibinho…

– Meu tio, é cedo de mais! É madrugada dentro, quando a Tia Ganga sair de casa para ir às compras. Então é que vamos. Se formos antes ela estará em casa, e assim não conseguiremos comer os ovos.

– Está bem Chibinho, vamos esperar!

Passou-se mais um bocado, e Ti Lobo insistiu.

– Ó Chibinho vamos! Vamos, vamos…

– Meu Tio vamos dormir mais um pouco… Ainda é cedo. Esperemos madrugada dentro… Quando o galo cantar!

Então, o Lobo saiu foi para trás do funco, parou um bocado, bateu com as mãos no peito e fez assim:

– Có-culé-cóóó, co-culé-cóóó! Chibinho o galo já cantou, vamos agora!

Chibinho respondeu-lhe desconfiado.

– Meu Tio, essa era a sua voz. Vamos mas é quando o galo cantar, quando estiver bem claro, o céu la em cima do mar.

Passado mais um bocado, o Lobo levou a mão ao bolso, tirou uma caixa de fósforos e pegou fogo ao funco. Vira-se para Chibinho e diz:

– Chibinho, levanta-te e vamos! O sol começa a acordar. Olha só o clarão que está no céu ali!

De um salto Chibinho levanta-se, sai à rua e diz:

– Pronto meu Tio, agora já pegaste fogo ao *funco* por causa dessa tua barriga larga... Assim vamos ficar na rua até de madrugada.

Quando a madrugada clareou viram a casa da Tia Ganga e foram em direcção à porta.

– Porta, abre-te! Ordenou Chibinho.

– Para espanto de Ti Lobo a porta abriu-se, e entraram. Lá dentro Chibinho diz à porta:

– Porta fecha-te!

E a porta fechou-se de novo. Sorrateiramente meteram-se debaixo da cama da Tia Ganga, e comeram ovos à vontade. E Chibinho diz ao Tio:

– Meu Tio já chega, já chega. Agora vamos!

O insaciável Lobo responde:

– Oh seu descarado!... Eu nem me fartei ainda, quanto mais para guardar alguns ovos num saco. Então Chibinho sai do *funco* e diz:

– Vou-me embora, vou-me embora. Porta fecha-te!

Fechou-se a porta e o nosso Chibinho foi-se embora. Lá dentro ficou o Lobo a comer ovos, e mais ovos doidamente.

Entretanto regressa a Tia Ganga, Ti Lobo ouve-a chegar e de um salto põe-se atrás da porta. A nossa Ti Ganga, de fora ordena:

– Porta abre!

E ti Lobo de dentro:

– Porta fecha!

E assim continuaram horas a fio.

– Porta abre!

– Porta fecha!

– Porta abre!

– Porta fecha!

– Porta abre!

– Porta fecha.

Dentro desse abrir e fechar, enganam-se e dizem:

– Porta abre!

E a porta abriu-se. Então o Lobo, de um salto mete-se debaixo da cama. A Tia Ganga entra, põem as compras em cima da mesa e manda a porta fechar-se. Depois deita-se na cama para descansar. De tão cansada, mexe-se tanto, atrás e à frente, e atrás e à frente, e atrás e à frente, e de repente dá um pum mal cheiroso.

– Oh minha porca, se o teu pum é tão mal cheiroso, quanto mais o teu rabo!

Com surpresa Tia Ganga pergunta:

– Quem é que está dentro da minha casa? Eu vou saber agora mesmo!

Tia Ganga apanha uma espada, levanta o colchão e de um salto o Lobo pôs-se atrás da porta a dizer:

– "Porta, a...", mas mais rápida, a espada da Tia Ganga não o deixa completar a palavra "abre"!

De um golpe Ti Ganga abre a barriga do Lobo. Os ovos estavam todos inteiros mas já cozidos.

A fome do estômago do Lobo tinha mais calor do que o calor de um fogão.

Glossário

funco > pequena casinha de palha de forma arredondada

Guiné-Bissau

A Hiena, a Lebre e o Visco

Um dia, a Hiena e a Lebre combinaram ir pescar à *gamboa*.

A Lebre agarrou na sua *gamboa* e pô-la na *bolanha*. A Hiena agarrou na dela e pô-la no mar.

De madrugada a lebre levantou-se e for ver a *gamboa*. Quando lá chegou, reparou que a sua *gamboa* só tinha apanhado sapos. Depois foi à *gamboa* da Hiena e viu que estava cheia de peixes. A Lebre voltou para trás, foi buscar os sapos à sua *gamboa* e pô-los na *gamboa* da Hiena. Depois agarrou nos peixes que estavam na *gamboa* da Hiena e pô-los na sua.

Feito isto foi a correr para casa. Ao passar à porta da Hiena bateu e chamou-a para que fosse ver a sua *gamboa*. A Hiena respondeu lá para dentro:

– Então já amanheceu?

– Claro! – respondeu a Lebre

– Então vamos — disse a Hiena.

Ao chegarem, a primeira *gamboa* por onde passaram foi a da Lebre. A Hiena exclamou:

– A tua *gamboa* está cheia de peixes. Duvido que a minha tenha apanhado tanto peixe.

Quando chegou à sua *gamboa* a Hiena só viu sapos — embora a *gamboa* estivesse no mar e a da Lebre na *bolanha*.

Bom... Todos os dias a Lebre apanhava peixe e a Hiena encontrava apenas sapos na sua *gamboa*. Os dias foram passando... até que um dia a Hiena, furiosa, voltou-se para a Lebre:

– Mas quem é que me anda aqui a fazer este trabalho?

A Lebre disse:

– Sabes o que deves fazer? Vai ao *mouro*.

Mal amanheceu a Hiena foi consultar o *mouro*. O *mouro* falou assim:

– Tens que ir ao *visco* durante um mês. Quando se completar exactamente um mês, vais pô-lo no mar. Arranjas um tronco, unta-lo bem com o *visco*, pões-lhe um capacete em cima e deixa-lo lá.

A Hiena assim fez. Pôs o pau com o *visco* no mar.

De madrugada, a Lebre levantou-se e foi ao mar. Ao chegar viu aquele vulto na *gamboa* da Hiena e começou a dizer:

– Parece que aquele ali anda na *gamboa* da tia, mas... afinal é mesmo na *gamboa* da tia. – Ah, então eras tu que vinhas cá todos os dias!

Claro que a Lebre não sabe do que se trata. Vira-se para o pau, aponta-lhe com o dedo, ainda sem saber que aquilo é um pau com *visco*. Aponta-lhe o dedo e diz:

– Olha, se não falas já, levas uma bofetada.

O pau com o *visco* mantém-se calado e continua de pé.

A Lebre dá-lhe uma bofetada e a mão fica-lhe colada. A Lebre continua:

– Ai prendes-me, pensas que não tenho outra mão?

Dá-lhe com a outra mão, que também fica colada.

– Está bem — diz a Lebre. Aaah! Pensas que não tenho mais nada...

A seguir dá-lhe uma grande cabeçada e grita:

– Ioooo...! – E insiste: – Julgas que já acabei?

Encosta-lhe o peito com toda a força e fica colada. Dá-lhe um pontapé, o pé fica, dá-lhe com o outro pé, também fica colado. A Lebre ficou completamente colada no *visco*.

Quando a Hiena chegou de manhã e viu aquilo, exclamou:

– Com que então eras tu que me fazias isto todos os dias. Agarravas no peixe, levava-lo para a tua *gamboa* e trazias os sapos para a minha. Finalmente apanhei-te!

Glossário

mancarra > amendoim
gamboa > estacaria para pesca
bolanha > grande terreno pantanoso
mouro > curandeiro
visco > substância muito pegajosa obtida da casca do azevinho

O LAÇO da Mãe Micha foi muito

Guiné-Bissau

É no Fogo que eu Nasci

Havia a Lebre, a Hiena e o Esquilo. A Hiena tinha um campo de amendoim e o Esquilo costumava convidar a Lebre para irem lá roubar. Iam todos os dias para o campo da Hiena e ficavam lá a comer-lhe o amendoim.

Um dia a Hiena saiu para ir dar uma volta pelo seu campo e reparou que já não havia quase metade da colheita. Nao fez mais nada: foi à procura do caminho por onde os ladrões vinham e quando o descobriu armou um laço no meio do caminho para apanhar os que a andavam a roubar.

Mas a Lebre é esperta. Na vez seguinte aproximou-se com muito cuidado... e acabou por ver o tal laço. Foi logo contar ao Esquilo:

– Han! Já viste? A Hiena pôs ali uma corda para nos apanhar por isso agora temos que mudar de caminho, vamos passar a ir à *mancarra* por outro caminho.

Assim fizeram, foram por outro caminho. Elá se puseram a comer amendoim, a comer amendoim, a comer amendoim... De repente viram vir a Hiena!

Esperaram até que a Hiena chegasse e desataram a correr.

Bom... A Lebre, esperta como era, reparou que a corda que a hiena tinha posto era muito fraca. No dia seguinte voltou. No dia seguinte a Lebre voltou mas trazia um *djidiu*. Combinou com o *djidiu* que quando a Hiena aparecesse começasse a cantar:

Foste ferida
Solta a mão e corre
A Hiena prendeu-te e feriu-te
Solta-te e foge.

Foste ferida
Solta a mão e corre
O laço da mãe Hiena feriu-te
Solta-te e foge

Quando a Hiena chegou perto, o *djidiu* iniciou o seu canto — o *djidiu* era o Esquilo. A Lebre começou a correr e mete--se dentro do laço *tchurup!* Mal pôs o pé o laço apanhou-a imediatamente. Mas como o laço era fraco, ela esperneou, esperneou, tanto esperneou que acabou por cortar a corda fap! Desatou a correr e desapareceu.

Tempos mais tarde... A Lebre voltou a aparecer. A Hiena voltara a pôr outro laço. Mas a Hiena, que é burra que se farta, naquele tempo não havia corda e o algodão não serve para fazer cordas — se se molha um bocadinho só, parte-se logo —, torceu um bocado de algodão e fez assim o laço. A Lebre apareceu, viu que era algodão torcido e voltou-se para o *djidiu*:

– Bom já podes – para que começasse a tocar. O *djidiu* começou a tocar:

Foste ferida
Solta a mão e corre
A Hiena prendeu-te e feriu-te
Solta-te e foge.

Foste ferida
Solta a mão e corre
O laço da mãe Hiena feriu-te
Solta-te e foge

A Lebre começou a correr outra vez e meteu o pé no laço tchuruc. O laço prendeu-a logo. Esperou que a Hiena se aproximasse, esperneou um bocado, partiu a corda e foi à sua vida.

A Hiena pensou, pensou até que... um dia foi à procura de arame, enrolou-o muito bem em algodão mesmo até cá em cima, e foi pô-lo lá.

A Lebre chegou, não deu muita atenção, só viu o algodão e disse logo:

– Ee! Hoje vou partir esta corda mais depressa, ela nem sequer a torceu. Vou esperar até ela chegar mesmo perto de mim para começar a correr e meter-me lá dentro.

E pôs-se logo a correr. O Esquilo também comia por outro lado. Quando reparou que se tinha que pôr a tocar, a Hiena já estava em cima deles. O Esquilo fugiu logo, nem tempo teve para tocar. A Lebre arrancou também, pôs o pé no laço tchuruc!, o arame prendeu-a. Ai! Ela bem sacudia mas não havia maneira de conseguir soltar-se... A Hiena aproximou--se, agarrou-a bem e disse:

– Sobrinha! Apanhei-te.

A Lebre respondeu:

– Ah, tia, agora é que tu disseste uma grande verdade!

A Hiena disse:

– Vamos.

Carregou a Lebre à cabeça e levou-a para casa. Ao chegar amarrou-a muito bem amarrada e pô-la no chão.

Depois saiu à procura de lenha e começou a juntar lenha que nunca mais acabava. A seguir pôs-lhe fogo. Quando as brasas todas acabaram de arder, aquela lenha toda já queimada formava um monte de brasas gigantesco. Foi nessa altura que a Hiena foi buscar a Lebre para a ir deitar ao lume. A Lebre perguntou:

– Eh, tia, para onde é que me vais levar?

– Para dentro daquele fogo que estás ali a ver, naquelas brasas, é ali que te vou pôr.

– Tchi! — disse a Lebre. — Não precisavas de te preocupar tanto! Se me tivesses dito há mais tempo, não terias tido esse trabalho todo, carregar lenha, queimar isso tudo...Olha bem como os meus olhos são vermelhos. Estás a ver?

– Sim, — respondeu a Hiena.

– Bom, é que eu nasci no fogo. Se me pões lá não me acontece nada. O melhor é pores-me no *capim*, aí sim que o relento dá cabo de mim.

A Hiena, burra, não deitou a Lebre ao fogo e foi lançá-la no *capim*. Mal caiu no *capim*, a Lebre deu um salto e fugiu enquanto dizia:

– Bom, tia, então até qualquer dia.

Glossário

mancarra > amendoim
djidiu > músico e poeta, depositário da tradição oral
capim > relva

Moçambique

A Lenda do Rato e do Caçador

Antigamente, havia um caçador que usava armadilhas, abrindo covas no chão. Ele tinha uma mulher que era cega e fizera com ela três filhos. Um dia, quando visitava as suas armadilhas, encontrou – se com um leão:

– Bom dia, senhor! Que fazes por aqui no meu território? – perguntou o leão.

– Ando a ver se as minhas armadilhas apanharam alguma coisa. – respondeu o homem.

– Tu tens de pagar um tributo, pois esta região pertence-me. O primeiro animal que apanhares é teu e o segundo meu e assim sucessivamente.

O homem concordou e convidou o leão a visitar as armadilhas, uma das quais tinha uma presa uma gazela. Conforme o combinado, o animal ficou para o dono das armadilhas.

Passado algum tempo, o caçador foi visitar os seus familiares e não voltou no mesmo dia. A mulher, necessitando de carne, resolveu ir ver se alguma das armadilhas tinha presa. Ao tentar encontrar as armadilhas, caiu numa delas com a criança que trazia ao colo. O leão que estava à espreita entre os arbustos, viu que a presa era uma pessoa e ficou à espera que o caçador viesse para este lhe entregar o animal, conforme o contrato.

No dia seguinte, o homem chegou a sua casa e não encontrou nem a mulher nem o filho mais novo. Resolveu, então, seguir as pegadas que a sua mulher tinha deixado, que o guiaram até à zona das armadilhas. Quando aí chegou, viu que a presa do dia era a sua mulher e o filho. O leão, lá de longe, exclamou ao ver o homem a aproximar-se:

– Bom dia amigo! Hoje é a minha vez! A armadilha apanhou dois animais ao mesmo tempo. Já tenho os dentes afiados para os comer!

– Amigo leão, conversemos sentados. A presa é a minha mulher e o meu filho.

– Não quero saber de nada. Hoje a caçada é minha, como rei da selva e conforme o combinado! – protestou o leão.

De súbito, apareceu o rato.

– Bom dia titios! O que se passa? – disse o pequeno animal.

– Este homem está a recusar-se a pagar o seu tributo em carne, segundo o combinado.

– Titio, se concordaram assim, porque não cumpres? Pode ser a tua mulher ou o teu filho, mas deves entregá-los. Deixa isso e vai-te embora – disse o rato ao homem.

Muito contrariado, o caçador retirou-se do local da conversa, ficando o rato, a mulher, o filho e o leão.

– Ouve, tio leão, nós já convencemos o homem a dar-te as presas. Agora deves-me explicar como é que a mulher foi apanhada. Temos que experimentar como é que esta mulher caiu na armadilha – e levou o leão para perto de outra armadilha.

Ao fazer a experiência, o leão caiu na armadilha. Então, o rato salvou a mulher e o filho, mandando-os para casa.

A mulher, vendo-se salva de perigo, convidou o rato a ir viver para a sua casa, comendo tudo o que ela e a sua família comiam. Foi a partir daqui que o rato passou a viver em casa do homem, roendo tudo quanto existe…

O Macaco e o Cágado

Tendo o cágado feito amizade com o macaco, disse este certo dia:

– Amigo, quero que venhas almoçar a minha casa.

O cágado, todo contente, respondeu:

– Agradeço-te muito o convite. Amanhã lá estarei.

No dia seguinte, o cágado dirigiu-se a casa do amigo. Quando lá chegou, viu que o macaco e a macaca tinham matado um galo e cozinhado *chima*. O macaco pousou a comida na mesa e disse:

– Ora vamos lá comer a *chima* e este belo galo.

Ao ver isto, o cágado pensou para consigo: "Então... o meu amigo põe a comida na mesa, sabendo que eu não arranjo maneira de lá chegar?". Ainda tentou subir, mas nada conseguiu: as pernas pequenas e a pesada carapaça não lho permitiam. E, sem se importarem com o amigo, o macaco e a companheira banquetearam-se com o galo e a *chima*.

Ofendido e com fome, o cágado decidiu regressar a casa, não sem antes convidar o macaco:

– Agora, hão-de ir vocês a minha casa.

– Lá estaremos na próxima semana – disse o macaco em tom jovial. E combinaram o dia.

Na semana seguinte, o macaco e a macaca atravessaram um campo e, saltando de árvore em árvore, chegaram à casa do amigo. Aí deram conta de que também o cágado tinha preparado um galo e feito *chima* – e lamberam os beiços. O cágado deitou fora a água das panelas e disse para o amigo:

– Não há água, mas podem lavar as mãos no poço. Tenham cuidado para não as porem no chão quando voltarem.

Ao macaco e à macaca o conselho pareceu lógico. Foram ao poço, lavaram as mãos e começaram a caminhar só as patas de trás. Ora acontece que o cágado tinha queimado todo o capim em volta da casa e o chão estava coberto de cinza. Como o macaco e a macaca não aguentavam andar só nas patas traseiras, pousaram as mãos no chão, ficando com elas todas sujas. Tiveram de voltar ao poço para de novo as lavar. E fizeram isto tantas vezes que acabaram por desistir.

Despediram-se então e foram para casa, amuados e com fome. Quanto ao cágado, deliciou-se com o galo. E, desde essa altura, não voltaram a ser amigos.

Glossário

chima > farinha de mandioca ou de milho

Portugal
A Velha da Cabaça

Era duma vez uma velha e a velha tinha uma filha. E a filha, um dia, casou-se e convidou a mãe para ir às bodas. A velha foi, mas quando ia lá pelo meio do campo encontra um lobo que ia para a comer:

– Ãe, velha, que te como!

A velha, com o medo, do que se havia de lembrar?

– Ai, senhor lobo, não me coma agora que levo a barriga despejada, que eu vou ao casamento da minha filha e venho mais gorda por causa dos ensopados e então é melhor: o senhor lobo espera aqui por mim, que eu hei-de por aqui passar e ao depois come-me então.

E o lobo ouviu aquilo e deixou-a ir.

E a velha foi às bodas; ora comeu, bebeu, muita festa, mas depois de tudo, diz para a filha:

– Ai filha, como há-de ser isto agora, que eu se vou para casa vem um lobo e come-me!

E contou à filha tudo o que se tinha passado. Diz-lhe a filha:

– Olhe, mãe, não lhe dê fezes, pegue lá nesta cabaça e leve-a e quando for a chegar lá ao pé do sítio aonde está o lobo, mete-se dentro, que ele não a vê.

Dito e feito, e a velha lá abalou para casa mais a cabaça.

Foi andando, andando e quando já lá ia a chegar aonde havia de estar o lobo, meteu-se na cabaça e foi a rebolar por ali adiante.

Lá o lobo estava à espera a ver quando a velha vinha: nisto, quando ele vê passar aquela cabaça e vai e pergunta-lhe:

– Ó cabacinha, tu não viste por aí uma velhinha?

E a velhinha sempre a rebolar

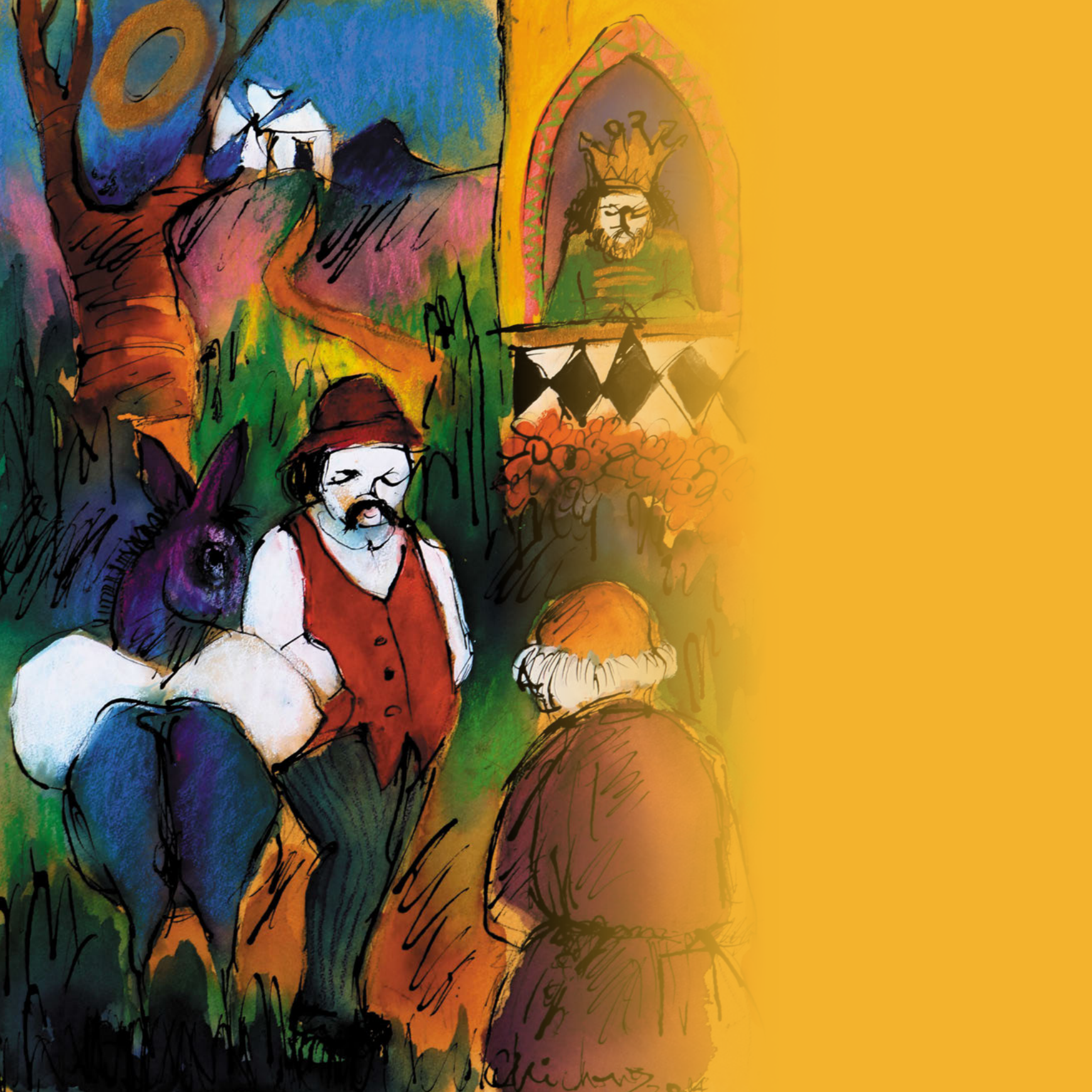
– Eu cá não vi

Nem velhinha, nem velhão,

Curre, *curre*, cabacinha,

Curre, *curre*, cabação.

Glossário

Curre > termo popular de corre

Portugal
Frei João Sem Cuidados

O rei ouvia sempre falar em Frei João Sem Cuidados como um homem que não se afligia com coisa nenhuma deste mundo:

– Deixa-te estar, que eu é que te hei-de meter em trabalhos. Mandou-o chamar a sua presença, e disse-lhe:

– Vou dar-te uma adivinha, e se dentro em três dias me não souberes responder, mando-te matar. Quero que me digas:

"Quanto pesa a Lua?";

"Quanta água tem o mar?" e

"O que é que eu penso?".

Frei João Sem Cuidados saiu do palácio bastante atrapalhado, pensando na resposta que havia de dar àquelas perguntas. O seu *moleiro* encontrou-o no caminho, e lá estranhou de ver Frei João Sem Cuidados, de cabeça baixa e macambúzio.

– Olá, Senhor Frei João Sem Cuidados, então o que é isso, que o vejo tão triste?

– E que o rei disse-me que me mandava matar, se dentro em três dias eu lhe não respondesse a estas perguntas: — Quanto pesa a Lua? Quanta água tem o mar? E o que é que ele pensa?

O *moleiro* pôs-se a rir, e disse-lhe que não tivesse cuidado, que lhe emprestasse o hábito de frade, que ele iria disfarçado e havia de dar boas respostas ao rei.

Passados os três dias, o *moleiro* vestido de frade, foi pedir audiência ao rei. O rei perguntou-lhe:

– Então, quanto pesa a Lua?

– Saberá Vossa Majestade que não pode pesar mais do que um *arrátel*, porque todos dizem que ela tem quatro quartos.

– É verdade. E agora: Quanta água tem o mar?

– Respondeu o *moleiro*: isso é muito fácil de saber; mas como Vossa Majestade só quis saber da água do mar, é preciso que primeiro mande tapar todos os rios, porque sem isso nada feito.

O rei achou bem respondido; mas zangado por ver que Frei João se escapava das dificuldades, tornou:

– Agora, se não souberes o que é que eu penso, mando-te matar! O *moleiro* respondeu:

– Ora, Vossa Majestade pensa que esta falando com Frei João Sem Cuidados, e está mas é falando com o seu *moleiro*.

Deixou cair o hábito de frade, e o rei ficou pasmado com a esperteza do ladino.

Glossário

moleiro > antiga profissão ligada à moagem de cereais, para a fabricação de farinha
arrátel > antiga unidade de peso (459 gramas)

São Tomé e Príncipe

Quando os cães deixaram de falar

Sam Fali e Sum Fléflé eram um casal que habitava num *luchan* distante, perdido no *obó*.

Sum FléFlé foi um dia à caça acompanhado pelo cãozinho fiel Loló. Muita carga apanharam nesse dia. A carga era muito pesada. Como transportá-la de uma só vez?

Tantos quilómetros a percorrer, subir *ôquê*, descer *ôquê*. *Peneta*, é a vida do homem.

Sum Fléflé sentou-se numa pedra a meditar. Nisto, Loló agita a cauda e diz em surdina:

– Sum Fléflé, eu ajudo você, se você guardar segredo. Cale a sua boca pi-pi-pi...e não diga nada a ninguém.

– Segredo, Loló? Porquê?

– Se Sam Fali sabe que eu carrego, meu trabalho de carregador nunca vai acabar.

– Bom, Loló, descansa que eu calo a minha boca.

– Não diga também que eu sei falar língua de gente – acrescentou, preocupado, Lóló.

– Está descansado, companheiro...

O que é certo é que a carga chegou a casa toda de uma vez, enquanto Sam Fali lavava no ribeiro mais perto a roupa da família.

Quando chegou a casa, interpelou o companheiro:

– FléFlé, como é que você conseguiu trazer tanta carga? Quem o ajudou?

– Eu sozinho.

Fali, incrédula, insistiu sempre.

Eu sozinho – era a resposta lacónica do amigo fiel.

Fali insistiu, voltou a insistir e ameaçou arrumar a carga e voltar *obó* era casa da sua mãe.

Sum Fléflé, atrapalhado, coçava a cabeça, pensava que a solidão no *obó* era difícil...Acabou por declarar:

– Nosso cão Loló ajudou o dono.

Loló ouviu, gemeu, gemeu, gemeu, deu duas voltas ao quintal e foi-se deitar nas cinzas da lareira.

Desde essa altura, nenhum cão, nem sequer os seus descendentes, voltaram a falar.

Glossário

luchan > localidade (termo usado em São Tomé)
obó > floresta
ôquê > ladeira
peneta > destino felicidade

São Tomé e Príncipe

A Tartaruga Manhosa

Vida de Tartaruga não presta. Sempre a enganar todo o mundo, sempre a tentar ludibriar e sempre criando inimigos.

Um dia a Tartaruga pensou casar com a filha do Rei. Entrou de mansinho no palácio do Rei.

– Sum Alê, Sum Alê...

– Vai-te embora, Tartaruga! Estou farto de ti.

– O senhor não se farta de mim. Nenhum homem, nenhum animal se farta. Quanto mais come, mais quer comer todos os dias.

– Desaparece, mofino!

A Tartaruga senta-se num banquinho e encosta-se à sombra de uma árvore.

– Vai ficar até morrer, Tartaruga?

– Estou a espera da minha oportunidade.

– Entao podes ficar aí até envelheceres.

– Sum Alê, Sum Alê, olha que galinha nunca se farta de comer.

— Que diabo, Tartaruga! Na minha capoeira todas as gatinhas comem bem. Aqui não há fome.

A Tartaruga calou-se e depois voltou a carga.

– Quer uma aposta? Se tu perder, o senhor Rei pode-me mandar matar..

– E se ganhares?

– Venho viver no palácio.

– Estás maluco?

– Se ganhar, a princesa sua filha será minha mulher.

– O rei riu-se em grandes gargalhadas e mandou reunir toda a corte. Lá ia divertir-se à custa da Tartaruga.

Mandou soltar todas as galinhas das suas cem capoeiras. 0s servos trouxeram grandes cestos de milho e bebedouros. Toda a gente sentada em redor aguardava.

A criação comeu, comeu até não poder mais, começando a dormir mesmo com dia claro, estendida no solo, sem sequer subir no poleiro.

A Tartaruga levantou-se e tirou dum cesto grande, duas *toras de lenha*, muito velhas e carcomidas, cheias de mil bichinhos, desde ócóli até uzali, e começou a sacudir ruidosamente as *toras de lenha* no chão.

As galinhas despertaram e avançaram para o banquete.

A Tartaruga, ufana, exclamou contente:

– Minha miséria acabou! Galinha farta, comida variada nunca rejeita... e eu agora; o rei é meu sogro!

Glossário

toras de lenha > troncos de madeira

Timor-Leste

A paz no planalto de Tchiáru

O Liurai de Nári era muito valente. Nesse tempo, nem podia ser-se rei sem ser-se valente, o que não quer dizer que o de Nári provocasse os povos seus vizinhos e os atacasse. Era teimosia dele dar-se bem com todos. Apesar de forte. Lembravam-se os que o viram crescer de que, em menino e rapaz, nunca nos jogos e lutas tinha sido vencido, quer estivesse sozinho, quer à frente de um grupo.

– Em paz é que é bom reinar. Pode-se pensar, inventar e trabalhar – completava.

Não é fácil de acreditar-se que um liurai e, ainda para mais, valente gostasse da paz. Mas ele mesmo, para com outros reis, primeiro, procurava conversar, combinar e ajustar, e só quando, assim, se tornava impossível o acordo e o desafiavam, pegava em armas e ia para a guerra. Para ganhá-la. Ganhava sempre.

O liurai passeava muito pelas suas terras. Não havia caminho que ele já não tivesse pisado nem pessoa com quem não tivesse conversado. Mesmo as crianças juntavam-se à volta dele para ouvir-lhe a voz. Nem sempre lhe percebiam todas as palavras ou o sentido completo das suas frases, mas gostavam de ouvi-lo, como se estivessem a ouvir música, e mexiam-se como se bailassem ao som dela, que era, afinal, a sua palavra.

Todos os dias, à hora do maior sol, o liurai saía da sua morada e ia às fontes sagradas. Eram três: Utcharina, Umaunira e Tcheniar. Aí, fazia as suas oferendas e praticava os seus sacrifícios. Era um ritual a que estava obrigado. Seguia por um lado e regressava pelo outro, cobrindo todos os sítios do reino.

Quando alguns no seu povo se desentendiam, chamava-os para se encontrarem no sítio das trés fontes sagradas e, aí, à sua vista, combinarem e ajustarem.

Por ser assim, o Liurai de Nári pensava erguer um qualquer sinal na montanha para que todos o vissem durante séculos, sempre, e se lembrassem do seu significado, já que não ia durar na terra para poder repetir o seu conselho de paz. Quando chegava às fontes sagradas, olhava para o planato e meditava no projecto da estátua que havia de construir para perpetuar entre o povo o seu voto.

O tempo passava, e a verdade é que não surgia no pensamento do liurai o modelo de monumento a erguer. Chegou, porém, uma ocasião em que isso aconteceu.

O caso foi que da floresta soltaram-se, de repente, sons gritantes, mistura de grunhidos e latidos, e apareceram, em luta feroz, um porco e um cão enormes, num rodopio louco que não ditava vencedor nem vencido. Então, ao liurai surge, uma vez mais, a ideia do sinal da montanha. Aponta para lá. O cão e o porco soltam-se do rodopio e correm para o planalto, até ao cimo de tudo. Ora um, ora outro, troca-se o perseguidor. Quando lá chegam, continuam na luta. Não se sabe de que lado está a razão. Ouve-se um estrondo, vê-se fogo, e solta-se uma nuvem de fumo que, depois, aos poucos, desaparece. E quando os olhos de todos podem, enfim, poisar lá no alto, vêem, transformados em dois penedos, o cão e o porco.

Estas esculturas ainda estão no planalto de Tchiáru.

Parece dizerem:

– Que haja paz!

Timor-Leste

A Voz do Liurai de Ossu

No princípio do século, o Liurai de Ossu entregou ao ocupante uma arma tida somo relíquia maubere e acompanhou a entrega com a afirmação de que ele não mais voltaria a fazer a guerra.

Desde sempre, as florestas mauberes têm sido templos sagrados e lugares de segredos. E, pelo menos há quinhentos anos, pessoas estranhas de várias nações entram e atravessam esses sítios sem serem capazes de entendê-los. Quer espreitando, quer escutando, o que fica por ver e por ouvir é sempre mais do que o necessário para já não se compreender a vida interior e os propósitos mauberes. É que é preciso ver mais para lá e, também, ouvir mais para lá. E avaliar, sobretudo avaliar, a luz das vozes.

Mil segredos e projectos mauberes estão guardados por famílias, sacerdotes, liurais e outros chefes desde há séculos, para somente serem revelados quando tiverem de o ser. Todos os mauberes sabem disto — e muitos, até, o têm dito ao longo dos tempos. Porém, ninguém, estrangeiro foi ainda capaz de penetrar na história maubere até ao fundo dos fundos.

É por isso que quase tudo dos mauberes ainda está por dizer, é por isso que o verdadeiro sentido de muitos e muitos factos, mesmo dos revelados diante do testemunho do povo, ainda está por explicar completamente. Como aquele gesto do Liurai de Ossu...

Há uns setenta anos, o liurai decidiu oferecer ao ocupante uma espingarda tida como relíquia maubere. Depois de todas as cerimónias do estilo, o Liurai de Ossu, rodeado de chefes e de sacerdotes, autorizou que trouxessem, da floresta sagrada onde já estava há um tempo imenso, essa arma – uma comprida espingarda de um cano e para aí de dois metros e meio de comprimento. O acto parecia de homenagem ao ocupante e as palavras, então por ele ditas, de inconsciente humildade:

> – Nós já não precisamos de armas.
>
> – Porquê? – perguntou o ocupante.
>
> – Porque nunca mais faremos a guerra!

Os Sacerdotes e os Chefes repetiram:

> – Não precisamos de armas porque nunca mais faremos a guerra!

Outros liurais, chefes e sacerdotes, por certo disseram o mesmo:

> – Já não precisamos de armas porque nunca mais faremos a guerra.

Mas palavras destas sempre foram ditas fora da floresta. Dentro dela, nunca! Porque na floresta somente se rezava liberdade.

Ainda hoje, meninas e meninos, mulheres e homens rezam lá liberdade.

E há quem diga ainda ouvir, a roçar pelas árvores, a voz do liurai de Ossu a rezar liberdade.

ILUSTRAÇÃO E NARRAÇÃO DOS CONTOS

O Lobo e a Raposa – Ilustração de Bosco; narração por Camarada Zé (Timor-Leste).
A Mungomba que punha ovos – Ilustração de Arlete Marques; narração por Paulo Flores (Angola).
Os Compadres Corcundas – Ilustração de Arlete Marques; narração por Paulo Flores (Angola).
A Mãe do Ouro – Ilustração de Márcio Bahia; narração por Valéria Carvalho (Brasil).
Os Rapazes, o Velho e o Burro – Ilustração de Renato Rodyner; narração por Valéria Carvalho (Brasil).
O Lobro o Chibinho e a Tia Ganga – Ilustração de Maria Alice Fernandes; narração por Celina Pereira (Cabo Verde).
A Hiena, a Lebre e o Visco – Ilustração de Manuela Jardim; narração por Mikas Cabral (Guiné-Bissau).
É no Fogo que eu Nasci – Ilustração de Misá; narração por Celina Pereira (Cabo Verde).
A Lenda do Rato e do Caçador – Ilustração de Roberto Chichorro; narração por Costa Neto (Moçambique).
O Macaco e o Cágado – Ilustração de Sidney Cerqueira; narração por Mikas Cabral (Guiné-Bissau).
A Velha da Cabaça – Ilustração de Emília Nadal; narração por Sofia Sá Bandeira (Portugal).
Frei João Sem Cuidados – Ilustração de Roberto Chichorro; narração por Costa Neto (Moçambique).
Quando os cães deixaram de falar – Ilustração de Ismael Sequeira; narração por Tonecas Prazeres (São Tomé e Príncipe).
A Tartaruga Manhosa – Ilustração de Emília Nadal; narração por Sofia Sá Bandeira (Portugal).
A Paz no Planalto de Tchiáru – Ilustração de Ismael Sequeira; narração por Tonecas Prazeres (São Tomé e Príncipe).
A Voz do Liurai de Ossu – Ilustração de Bosco; narração por Camarada Zé (Timor-Leste).

CAPA DO ÁUDIO-LIVRO

Sidney Cerqueira (Guiné-Bissau)

contos tradicionais da cplp

edição
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)

concepção e desenvolvimento do projecto
PR Consulting

concepção e impressão
Sersilito – empresa gráfica, lda.

tiragem
4000 exemplares

isbn
978-989-97178-7-9

depósito legal
376273/14